



OPINIÃO

CONVERSANDO SOBRE ENERGIA

David Zylbersztajn

Sócio da DZ Negócios com Energia
Membro do Conselho de Administração da Light

QUAL É A FOTOGRAFIA ATUAL DA MATRIZ ENERGÉTICA BRASILEIRA?

Todo mundo percebe que estamos caminhando para uma matriz positiva em carbono, ou seja, as emissões estão aumentando. O problema é saber onde vamos parar. Quando o mundo era fóssil, o Brasil era essencialmente renovável. Quando o mundo busca incessantemente se tornar mais renovável, o Brasil caminha na contramão. Na área de energia, acredito que teremos uma ruptura tecnológica, principalmente no que diz respeito à captação da energia solar, como foi o shale gas nos Estados Unidos. Há cinco anos, ninguém imaginava que aconteceria esse

desenvolvimento, mas hoje o shale gas contribuiu para um cenário de excesso de oferta de energia, por exemplo. Aqui no Brasil, é possível que haja uma transição no caminho da captação solar e na área de bioenergia.

ATÉ QUE PONTO O BRASIL VAI NESSA DIREÇÃO INVERSA? VAMOS NOS ADEQUAR À TRAJETÓRIA DA MATRIZ MUNDIAL EM ALGUM MOMENTO?

Se levarmos em consideração o baixo investimento que o Brasil faz em fontes renováveis e em eficiência energética, as limitações ambientais para a construção de hidrelétricas e se não nos empenharmos em utilizar a matéria prima que possuímos – via captação solar e aproveitamento da biomassa - veremos passar o ponto que seria de ajuste da matriz energética. É importante agir logo para inverter essa tendência em sujar a matriz. A questão das mudanças climáticas está séria e estamos em um importante momento para justificar a internalização de custos ambientais e rever a viabilidade de muitos projetos.

NESSE PROCESSO DE INVERSÃO DE TENDÊNCIA, QUAL É A QUESTÃO MAIS RELEVANTE?

Política pública. Aprendemos no racionamento de 2001 que o sinal econômico é decisivo. Se não

houver mercado para a indústria, para os centros de pesquisa, se não houver sinal econômico para o consumidor, não há progresso. O papel do governo é fundamental e os programas do governo poderiam ser mais bem explorados, de modo integrado. Por exemplo, para o programa do tipo “Minha Casa Minha Vida”, poderia prever-se aquecimento solar ou tubulação para aquecimento a gás, entre outras questões para facilitar o uso complementar de fontes de energia. A matriz brasileira está muito ao sabor das circunstâncias, e não de uma estratégia. Não temos uma visão de projeto energético para o país. É importante que haja planejamento que traga previsibilidade para o mercado e direcione de modo concreto o uso das fontes renováveis.

TRIBUEM AOS AMBIENTALISTAS O COMBATE AOS RESERVATÓRIOS. POR SUA VEZ, OS “BARRAGEIROS” DIZEM QUE COLOCAMOS EM RISCO A SEGURANÇA ENERGÉTICA. ESSE É O DILEMA?

Sim, esse é o dilema, mas não se tem um fórum de discussão adequado. O papel do governo seria o de reconhecimento destes desafios e colocá-los em debate com a sociedade. Devemos assumir que vamos ter problemas. Se vamos utilizar outras fontes, qual o impacto delas? Eu tenho que escolher entre uma coisa ou outra, e isso só o governo pode fazer. É o governo que licita, que dá licença ambiental, concede financiamento. Portanto, a mediação com a sociedade e o direcionamento são papéis decisivos do governo. Muito do que se perdeu da possibilidade de se fazer melhores projetos, por exemplo em Belo Monte, foi por falta de diálogo. Agora, os projetos na Amazônia que estão aí vão gerar energia, mas a um custo econômico e socioambiental muito alto. Por conta da falta de diálogo neste debate, há pouco espaço para a revisitação da alocação ótima econômica, o foco virou essencialmente ambiental.

E, NESSE CONTEXTO, QUAL O FUTURO DO PRÉ-SAL?

Se você considerar o crescimento anual da demanda mundial de petróleo, ele equivale ao excedente do que o Brasil vai produzir anualmente com o pré-

sal. Ou seja, daqui a seis anos, o incremento da nossa produção será equivalente ao crescimento da demanda mundial. Se partirmos do princípio que o Oriente Médio, África, Golfo do México e outros países produtores também terão incremento em sua produção, surge a dúvida do que vai acontecer com esse nosso excedente exportável. Ele vai entrar em um mercado saturado. Além disso, sua exploração pode se apresentar mais cara do que o esperado e a ojeriza mundial ao petróleo, com suas evidentes consequências para a qualidade do ar e o nível de emissões do país, poderá torná-lo equivalente ao que o cigarro é hoje para a sociedade.

A EXPLORAÇÃO E A UTILIZAÇÃO DO GÁS NATURAL PODERIAM SER UMA FONTE DE TRANSIÇÃO PARA UMA MATRIZ MAIS LIMPA?

A matriz brasileira era majoritariamente baseada no uso de lenha até o início dos anos 1970. Fomos um dos poucos países que fez uma transição de madeira para o petróleo sem passar pelo carvão. É uma coisa muito curiosa, tem pouquíssimos casos. Acho que, no Brasil, o espaço para utilizar o gás natural como um elemento de transição para os renováveis é mais estreito. Não temos infraestrutura. Temos poucas estações de gás natural para que possamos configurar um crescimento desta infraestrutura. Além disso, para se fazer um duto que vai passar em regiões ambientalmente mais sensíveis tem-se uma série de restrições. Por outro lado, isso pode ser bom para nós. Podemos ter um ciclo do gás mais curto e uma antecipação do uso das fontes renováveis. Entretanto, um risco que poderá tornar a transição mais lenta é o baixo preço do petróleo. Se o mundo não conseguir internalizar os custos ambientais de uma maneira muito explícita, o petróleo barato vai começar a frear o desenvolvimento das fontes renováveis.

QUAL O PAPEL DAS TÉRMICAS E DEMAIS FONTES INTERMITENTES EM UM CONTEXTO DE REDUÇÃO DA CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO DOS GRANDES RESERVATÓRIOS?

Não temos muita alternativa. Uma possibilidade seria fazer a térmica na boca do poço e transmitir essa

energia, ou seja, trocar a molécula pelo elétron. Por outro lado, as fontes complementares de energia também poderiam ajudar. Os parques eólicos evoluíram muito em função de uma disponibilidade mundial e temos bons resultados em geração eólica. No Brasil, ainda precisamos avançar. Ainda há muitos desafios para o empreendedor, que deve ser obstinado e quase irracional para não desistir. Também são necessários maiores estímulos regulatórios e econômicos do governo para a geração distribuída, embora seja provável que as dificuldades se amenizem no futuro até mesmo por conta da crise do setor de energia, que poderá acelerar esse processo.

E QUAL PODERIA SER O PAPEL DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA PARA ALIVIAR AS PRESSÕES SOBRE O SETOR DE ENERGIA?

Na crise de 2001, a solução veio pela gestão da demanda. A percepção das pessoas foi rápida, pois reagiram ao sinal econômico: cada unidade de energia (kWh) representava dinheiro. Além disso, a necessidade de economia de energia ficou internalizada. Apenas anos mais tarde a demanda voltou a ser igual aos patamares

anteriores. Teve um ganho social, mas infelizmente isso se perdeu. No entanto, o sinal econômico se provou importante. Agora, depois de anos, vamos iniciar as bandeiras tarifárias. Quando você trabalha na tarifa, deixa claro o sinal econômico para a população e a percepção é positiva. Os atuais casos da escassez de água e da energia são um problema de condução de políticas de recursos naturais. Os sinais econômicos devem estar claros: a energia elétrica não pode baixar num cenário de escassez de recursos hídricos e preço do petróleo não pode se manter num mesmo patamar independentemente das oscilações internacionais.

QUAL O PAPEL DO COMPORTAMENTO DAS PESSOAS?

É necessário atuar na educação das pessoas que pagam a conta. Isso é um processo de eficiência econômica social que é pouco utilizado. Não posso confiar toda eficiência à lâmpada, ao equipamento. O lado social do uso da energia é muito pouco explorado e tem um impacto monumental. Essa gestão de demanda que serve para eletricidade serve para água e para qualquer outro recurso natural que se deseje preservar.



David Zylbersztajn. Doutor em Economia da Energia pela Universidade de Grenoble (1987), foi Secretário de Energia de SP e Diretor Geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP). Atualmente, é sócio da DZ Negócios com Energia e membro do Conselho de Administração da Light.